

LA BOCA / BUENOS AIRES: cultura, mercado turístico e marginalidade

Michel Constantino FIGUEIRA¹

Resumo: Descrevemos aqui o resultado de nossas pesquisas durante atividades realizadas em período de estágio na cidade de Buenos Aires / Argentina, compreendido entre os dias 01 de julho à 01 de setembro de 2009, dentro do *Programa de Cooperación Internacional Asociado para el Fortalecimiento de la Posgrado – Brasil / Argentina (CAFP/BA)*. Tivemos como objetivo maior neste projeto participar de uma proposta de desenvolvimento de perspectivas teóricas sobre o patrimônio material e imaterial na América do Sul (Brasil e Argentina). O projeto é fruto de cooperação acadêmica vinculado aos programas de pós-graduação em *Economía Política de la Cultura – Estudios sobre Producciones Culturales y Patrimonio* da Facultad de Filosofía y Letras (ICA/FFyL), de la Universidad de Buenos Aires (UBA), e em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas / Brasil. E, também, vinculado ao Programa de Doutorado e Mestrado em Filosofia e Letras da UBA.

Palavras-chave: Patrimônio Cultural, Memória e Políticas Públicas de Turismo

Abstract: We describe here the result of our researches during activities on training time in Buenos Aires City / Argentina, between July 01 to September 01, 2009, at International Association Program to reinforcement of the Post-Graduation between Brazil and Argentina (CAFP/BA). We had as most objective in this project to participate in a proposal of development of theoretician perspectives about material and immaterial cultural heritage at South America Place (Brazil and Argentina). The project was born from an academic cooperation between Post-Graduation Program in Politic Economy of Culture – Studies about Culture Productions and Heritage of the Philosophy and Letras (ICA/FFyL) at University of Buenos Aires (UBA), and in Social Memory and Cultural Heritage at Federal University of Pelotas / Brasil. And, as well as, with Doctor and Master Programs in Philosophy and Letras of UBA.

Key-words: Cultural Heritage, Memory and Public Politics of Tourism.

¹ Mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural pela Universidade Federal de Pelotas - UFPel. Professor e Coordenador do Curso de Bacharelado em Turismo Binacional na Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Tutor PET/Turismo – MEC/SESu/FURG.

Introdução

O turismo hoje se consagra como uma das atividades econômicas e socioculturais de maior dimensão no cotidiano da cidade de Buenos Aires, Argentina. Contudo, o processo de gestão, elaboração e condução da política pública do turismo no país desconsidera o uso do turismo como uma ferramenta de diminuição das desigualdades sociais e redistribuição de renda. O Bairro de La Boca, localizado nos arredores portuários de Buenos Aires é um exemplo concreto desse processo, o qual analisamos no período entre 01 de Julho à 01 de setembro de 2009 em nosso período de estágio de pesquisa junto à Universidad de Buenos Aires.

Inicialmente, em nossas atividades, deveríamos conduzir pesquisas baseadas na relação entre políticas de turismo e gestão do patrimônio cultural em Buenos Aires. Para isso, deveríamos eleger algum espaço (um bairro, por exemplo) onde este quadro social surgisse como potencial objeto de estudo e servisse futuramente de base para um estudo comparativo com nosso objeto de pesquisa, no Curso de Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural – UFPel, servindo, também, para gerar novos conhecimentos metodológicos ao mesmo.

Após aprovação de nosso orientador na Argentina começamos a pesquisar o Bairro de La Boca, cujo patrimônio cultural visual, impresso no colorido de suas casas, sofre uma apropriação pelo turismo como pano de fundo de uma rede mercadológica que é instituída através de políticas públicas e investimento maciço em promoção publicitária. Esses eixos condicionantes eram próximos de nosso foco de pesquisa no Brasil: a relação potencial entre turismo e patrimônio cultural imaterial numa vila de pescadores chamada *Colônia de Pescadores Z3*, localizada no município de Pelotas, Estado do Rio Grande do Sul.

O Bairro de La Boca, localizado as margens do Rio Riachuelo, em Buenos Aires, atualmente é um lugar turístico por excelência na Argentina. O bairro constitui-se de um exemplo de apropriação turístico-cultural que espetaculariza a memória de elementos materiais e imateriais, tais como as famosas casas coloridas, mas sem considerar a participação dos moradores locais em seu processo de gestão com foco patrimonial, especulado com base em políticas públicas do governo de Buenos Aires e nem mesmo se apropria corretamente de uma realidade histórica referente ao passado portuário local, de uma cidade que nasce às margens do Rio Riachuelo.

Neste trabalho buscamos responder como o turismo se apropria da cultura do bairro de La Boca e quais os reflexos e anti-reflexos sociais deste processo, buscando compreender a percepção de seus principais atores (turistas e moradores), refletindo

aqui, inclusive, posicionamentos e aspirações com relação ao futuro deste quadro social em particular.

É preciso frisar que o período de pesquisa na Argentina não provocou nenhuma alteração em nosso projeto de pesquisa de mestrado no Brasil. Por outro lado, acrescentou, sobretudo pela relação com nosso orientador em Buenos Aires, em função de que descobrimos novas possibilidades teórico-metodológicas no campo científico do patrimônio cultural e sua relação com a política turística no que tange as intervenções públicas e privadas no espaço cotidiano, o qual se transforma em espaço turístico. Entre essas possibilidades aprendidas está a realização de uma análise macro de um processo histórico-econômico (imigração, atividades portuárias) e cultural (atividades artísticas) aplicados a uma reflexão micro de uma problemática de pesquisa, neste caso, a relação entre turismo e patrimônio no Bairro de La Boca. Também pudemos compreender os aspectos negativos gerados pelo contexto do turismo, na medida em que este se apropria da memória e do patrimônio dos povos sem gerar nenhum tipo de contribuição aos mesmos, além de muitas vezes deslocá-los de seu espaço econômico-produtivo. Esse esclarecimento foi facilitado pelo uso de ferramentas metodológicas, tais como realização de entrevistas com moradores, com uso de gravadores digitais, e observação participativa onde buscamos interagir com o cotidiano turístico local, compreendendo as necessidades e interesses de diversos atores envolvidos direta ou indiretamente no processo turístico local: turistas, moradores, funcionários, profissionais de turismo e instituições locais, tal como a associação civil sem fins lucrativos “*Union de Madres*”, destinada a ajudar jovens viciados a “escapar” das drogas e se reconciliarem com suas mães através da prática de trabalhos artesanais. Essa associação é presidida por Rosário Pontes com a qual passamos largo tempo discutindo a realidade do *Boca*.

Para a aplicação metodológica, observamos que além de um bom conhecimento em língua espanhola e a nossa facilidade de comunicação – aliados ao fato de que já conhecíamos a cidade Buenos Aires – tivemos facilidade em nosso processo de deslocamento, acesso a serviços, informações e criação de um círculo produtivo das atividades programadas de pesquisa.

A escolha do tema

Já no primeiro encontro com nosso orientador local, professor Alejandro Balazote, colocamos a necessidade de escolha de um local compatível com um

potencial estudo comparativo, futuramente, com nosso objeto de pesquisa de mestrado. Chegamos a um acordo de que eu desenvolvesse atividades de pesquisa sobre a relação entre turismo e cultura em algum bairro de Buenos Aires, onde o turismo estivesse institucionalizado com base em seu patrimônio cultural. Em um desses encontros, após pesquisas na internet e conversas informais com porteños (nativos de Buenos Aires) apresentamos ao nosso orientador o interesse em pesquisar sobre o turismo no bairro de La Boca.

Com aprovação do mesmo, tratamos de discutir sobre a estruturação da pesquisa, quais seriam os levantamentos iniciais e as premissas metodológicas que poderiam ser aplicadas. Ou seja, qual o problema a ser resolvido. Entendemos, assim, que deveríamos fazer uma análise do processo turístico em si, buscando eixos que marcassem semelhanças e diferenças entre o nosso objeto de pesquisa no Brasil com o bairro de La Boca. Entre as bases de trabalho que encontramos foi a necessidade de que futuramente devêssemos abordar comparativamente os dois objetos de estudo através de uma descrição de cada lugar, com interpretações de ordem macro para micro, no que tange a economia e a história, refletindo sobre como o turismo se apropria da cultura e quais os eixos comuns que uniriam ambas as pesquisas. Mas, o professor considerou que em primeiro momento deveríamos aproveitar o período em Buenos Aires para focar reflexões somente com o Bairro de La Boca, deixando o estudo comparativo para um segundo momento, quando já estivéssemos no Brasil.

Método e Ação

Em razão de que teríamos apenas dois meses para realizar nosso trabalho, optamos por fazer um recorte do processo turístico local, através da visão de seus principais agentes econômicos e culturais: os turistas e os moradores locais que trabalham no setor turístico de La Boca. Para isso, organizamos um roteiro de técnicas metodológicas a serem aplicadas. Em primeiro lugar, através de método participativo (observação de campo), buscamos fazer uma observação direta com participação em atividades turísticas e socioculturais do bairro, analisando quais os usos turísticos desenvolvidos com base no seu patrimônio visual e histórico e os reflexos gerados sobre o mesmo, diante de uma clara espetacularização da memória e da cultura impressa em museus, lojas, apresentações de tango, representações teatrais, exposições de uma arte homogênea (retratando sempre as mesmas cenas, sob ângulos e uso de materiais diferentes), entre outras atividades que tentam traduzir a identidade

de um bairro num pequeno espaço “disneyalizado”, inventado para gerar lucro. Ou seja, ocorre no bairro tipos de mudanças que residem na variação de idéias, valores e crenças do individuo em função do aperfeiçoamento de antigos elementos por meio de invenções com base em inovações culturais (SANTANA, 2006).

Em um segundo momento, buscamos medir qualitativamente os graus de satisfação dos moradores e turistas (e destes também o seu perfil) ² com relação ao setor, através de entrevistas informais. Em terceiro lugar, analisamos qual o grau de participação dos boquenses no turismo local. E, permeando todas essas atividades técnicas, através de pesquisa hemerográfica buscamos, pesquisamos e relacionamos bibliografia referente ao turismo e sua relação com patrimônio e, em particular, essa relação no bairro de *La Boca*. Levantamos tais dados, tanto através da internet, quanto em encontros com professores e pesquisadores da Universidad de Buenos Aires.

Nos primeiros momentos de pesquisa no bairro, tratamos de conversar com algumas pessoas ligadas ao turismo local, tais como funcionários de lojas de souvenirs (conhecidas como “tiendas” na Argentina) e turistas. Em especial conversamos por um longo tempo com uma moradora do bairro chamada Soledad. Soledad é funcionária de um restaurante local e tem acompanhado com bastante interesse o processo turístico no bairro nos últimos anos. Ela possui uma apreciação positiva do turismo local, na medida em que o setor lhe proporcionou emprego e renda, por outro lado considera que a população local deveria ter maior participação no processo de gestão e resultados socioeconômicos do turismo local.

A partir desse primeiro contato com o local, para ampliar o horizonte de nossa análise, começamos a tratar de aprofundar a realização de entrevistas com funcionários de lojas de souvenirs, restaurantes e outros espaços turísticos já potencializados, bem como com turistas. Em especial conversamos com jovens que promovem espaços de alimentação e moradores locais que trabalham como funcionários de lojas de souvenirs. As perguntas foram de ordem informal, tais como: “Você é morador do Bairro de La Boca?” “Qual a importância do turismo para o Bairro La Boca e para você especificamente”?

Por um largo tempo conversamos com dois jovens moradores do Bairro que relataram que são explorados pelos comerciantes locais, os quais não vivem no *Boca* e levam para fora do bairro todos os recursos advindos do turismo. Conhecemos o jovem

² Conversamos com turistas americanos, italianos, brasileiros, chilenos, equatorianos, entre outros.

Emiliano, ex-estudante de história da Universidad de Buenos Aires, morador do bairro de *La Boca* e funcionário de um restaurante local. Seu trabalho é realizar a divulgação do restaurante, interpelando transeuntes e lhes oferecendo um espaço para comer, assim como fazem os outros jovens entrevistados anteriormente a ele. Emiliano, crítico negativo do turismo, nos relatou que o setor não possui nenhuma importância para a qualidade de vida local. Insistindo para que tivéssemos confiança, ele nos levou duas quadras para dentro do bairro onde pudemos perceber tamanha pobreza, a qual torna invisível os “indesejáveis” para o turismo local. Um turismo que Emiliano chamou de “espaço inventado”. Emiliano nos relatou ainda que o Governo Municipal (Municipalidad na Argentina) realizou processo de desterritorialização de moradores que viviam em espaços chamados de “Conventillos” (semelhantes a cortiços no Brasil, onde diversas famílias dividem o mesmo espaço de uma única casa, usando o mesmo banheiro). Ele nos mostrou um desses locais, onde pudemos perceber uma pobreza imensa.

Numa outra visita, tratamos de analisar os produtos comercializados e qual a sua relação estética com o patrimônio cultural boquense. Ou seja, qual o nível de usos do patrimônio pelo mercado do turismo. Neste dia, deixamos as entrevistas de lado, e caminhamos pelo centro turístico do bairro, pela famosa “Calle Museu Caminito”; visitamos lojas de souvenirs e pudemos ter uma visão geral do turismo no bairro através de observações diretas no que tange, sobretudo, a reprodução mercadológica do patrimônio visual das casas coloridas do *Boca*, e do patrimônio imaterial dos passos de tango, representados rápida e comercialmente por “dinheiro vivo”. Isto tudo, dentro de um pequeno cenário espacial, composto basicamente por duas quadras fechadas, construído e adaptado para o olhar e para o consumo, onde se cria um mundo de fantasia – com tendas de souvenirs, pequenos restaurantes, museus e casas de espetáculo – que alimenta as expectativas de milhares de turistas e comerciantes, ignorando o mundo vivo e cotidiano da luta diária, da pobreza e da marginalidade que se manifestam poucas quadras ao seu redor. Do mesmo modo como ignora a relação que os moradores deste redor possuem com o passado local e com o seu patrimônio histórico visual, estilizado e ressignificado pelo turismo local como objeto de reprodução mercadológica característica do setor.

No círculo de nossas reflexões teórico-metodológicas e saídas de campo, desenvolvemos em Buenos Aires, no período e em razão anteriormente exposta, uma reflexão sobre o funcionamento processual e situacional do turismo no Bairro de La Boca, um bairro cuja realidade social é marcada por um alto índice de pobreza. Uma pobreza, de domínio público para todos os porteños, mas que não parece interessar àqueles que absorvem o montante financeiro gerado pelo turismo local.

La Boca

Comunidade caracteristicamente portuária, o bairro de La Boca está localizado as margens do Rio Riachuelo, ao sul da cidade de Buenos Aires. Atualmente constitui-se como um bairro de operários, pequenos comerciantes formais e informais, trabalhadores da construção civil, trabalhadores portuários, prestadores de serviços em áreas centrais da cidade, vendedores, prestadores de serviços gerais locais, verdureiros, entre outros.³ Por outro lado, segundo informações obtidas com moradores locais, a maioria das pessoas encontra-se desempregadas. Muitos vivem na miséria total, em moradias antigas, sem higiene e sob a ótica da violência diante do alto índice de circulação e consumo de drogas. Repletas de dilemas, essas pessoas vivem espremidas em ambientes conhecidos como “Conventillos” (RECALDI, SANDOVAL & VELASCO, 2009; HERZER, DI VIRGILIO, LANZETTA, MARTÍN, REDONDO & RODRÍGUEZ, 2008).

La Boca é um local marcado por uma história portuária de chegada de grande contingente de imigrantes oriundos de diversas partes do mundo. Desde muito tempo foi o porto natural da cidade de Buenos Aires. Em 1830 e 1852 chegam vasco - franceses, genoveses, espanhóis, croatas, gregos, turcos e outros; mas a maior influencia foi mesmo dos genoveses. Contudo, no último século La Boca passou por profundas transformações de ordem produtiva e política. Algumas atividades sobreviveram ressignificadas pela economia política atual, outras desapareceram, abrindo espaço para novas atividades produtivas tais como o turismo.⁴

A história portuária em La Boca, aliada a um forte posicionamento político e uma profunda manifestação artística, deixa de legado para a identidade do bairro o que lhe confere sua mais profunda peculiaridade: o colorido de suas casas⁵. Essa referência

³ Consta que, segundo dados atuais da Dirección General de Estadísticas y Censo da Argentina, num censo realizado no ano de 2005, La Boca possui uma densidade populacional de 46.494.

⁴ No trabalho dos historiadores Sandro Spini e Oreste Vaggi consta que as antigas atividades do bairro estavam ligadas ao mercado público e suas especiarias, fabricantes de colchões de lã, fabricantes de caixas para pescados, vendedores diversos, despachante de bebidas, entre outros (SPINI & VAGGI, 1986).

⁵ Segundo autores como Recaldi, Sandoval, Velasco (2009) as origens das pinturas das casas do Boca remetem as sobras das tintas usadas por marinheiros, as quais os trabalhadores do porto recolhiam para pintar suas casas (RECALDI, SANDOVAL, VELASCO, 2009; MARINCOF, S/D). Por outro lado,

patrimonial de cunho arquitetônico e visual manifesta muito além de materialidade pictórica na medida em que ressignifica constantemente a sua memória histórica e os processos imateriais do cotidiano local. Por outro lado, também é objeto de apropriação mercadológica de base turística conduzida por políticas públicas de renovação do patrimônio local conduzidas por instituições *boquenses*, com o apoio de órgãos competentes do Governo de Buenos Aires, porém excluindo a comunidade *boquense* da participação nas decisões referentes a este processo, ou seja, facilitando de alguma forma que potenciais investidores externos explorem a mão de obra local, desviando os recursos gerados pelo turismo para outro lugar. Descobrir a constituição deste processo de apropriação patrimonial e exclusão social foi o principal resultado de nosso trabalho.

Turismo em La Boca

O turismo transforma tudo o que toca em espetáculo: uma casa colorida, uma ponte antiga, uma dança típica, um quadro com uma pintura em particular, uma casa dividida em vários quartos (na qual sobrevivem famílias em condições miseráveis), um objeto de metal ou plástico onde está escrito “lembrança deste lugar” ou um sócia representando um grande ídolo de futebol.

No Bairro de La Boca, podemos compreender o quanto isto é real. São aqueles elementos citados acima que constituem, formam e complementam o olhar do turista em seus registros fotográficos, captando verdadeiras e, na maioria, falsas características identitárias: “as pessoas se deixam ficar presas a esse olhar, que então é visualmente objetificado ou capturado através de fotos, cartões-postais, filmes, modelos, etc. Eles possibilitam ao olhar ser reproduzido e recapturado incessantemente” (URRY, 2001:18).

É preciso frisar que o turismo enquanto atividade mercadológica se apropria de um determinado espaço através da implementação de atividades produtivas que

segundo Luiz Javier Dominguez Roca, professor de Geografia da Universidad de Buenos Aires, a pintura das casas foi um ato proposital começado por artistas do bairro, entre eles, o pintor Quinquela Martins. O mesmo professor considera que este processo começou em princípios da década de 1940 com uma proposta de melhorar a imagem das casas, que deviam estar em ruim estado. E, ainda, que este movimento iniciou um processo de peregrinação de diversos artistas em direção ao bairro, o que persiste até os dias atuais (LUIZ JAVIER DOMINGUEZ ROCA).

envolvem a organização de uma cadeia produtiva particular, subordinada a processos e decisões de uma economia política global e implementado através de políticas locais com ou sem participação decisória dos potenciais atores envolvidos em seu conjunto social. Ele institui-se em espaços produzidos como simulacro de costumes e tradições de uma identidade específica ou inventada. No Bairro de La Boca ocorre abertamente uma (re) produção espetacularizada da cultura de bairro sem levar em conta parte de uma autenticidade histórica impressa nas antigas atividades portuárias e atuais manifestações de ordem cultural, tais como os artesanatos que façam referência à identidade histórico-cultural local.

Atualmente o Bairro de *La Boca* é um atrativo, cujas atividades turísticas são desenvolvidas em apenas poucas quadras do mesmo: lojas de souvenirs (camisetas, cinzeiros, chaveiros, casas coloridas em miniatura, bonequinhos dançando tango), artistas e fotógrafos expõem e vendendo seus quadros e fotografias, jovens e bem vestidos casais de tango que, em troca de dinheiro imediato, oportunizam que turistas obtenham uma foto insinuando pequenos passos da dança; um sócio de uma grande estrela do futebol argentino que só se deixa fotografar em troca de dinheiro, jovens moradores do bairro empurrando-se em uma “luta” constante para adquirir clientes para os restaurantes locais em troca da chamada “propina” (o que chamamos no Brasil de “gorjeta”), e músicos entoando canções do norte da Argentina, fugindo de qualquer princípio de “autenticidade” cultural.

Além de tudo isso, no Bairro de *La Boca* encontra-se um dos espaços turísticos mais famosos da Argentina. Ocupado por diversos artistas que retratam em suas obras imagens do bairro, a conhecida rua-museu *Caminito*, antigo lixão local, atualmente é centro social e o porta-voz turístico-publicitário do bairro.⁶

⁶ Sobre a história do *Caminito*, temos que, com base em um projeto do pintor argentino Quinquela Martins, um grupo de artistas locais decide criar uma rua-museu, a qual foi inaugurada em 1959 como um espaço teatral. Este processo fez com que o *Caminito* começasse a gerar um grande fluxo artístico (RECALDI, SANDOVAL & VELASCO, 2009).



Fig.01 - Calle-Museu Caminito. Autor: Michel Constantino Figueira, 2009.

Além do *Caminito*, no bairro de *La Boca* encontram-se diversos projetos transformados em espaços turístico-culturais tais como o *Museu Quinquela Martins* e o *Museu de Cera*. Essa transformação do Bairro de *La Boca* em um objeto de olhar do turista resulta de ações tais como as citadas por Urry (2001): mudanças socioeconômicas e produtivas, intervenções acadêmicas, reestruturação econômica através de empreendimentos particulares, entre outros aspectos (URRY, 2001). Dentre as intervenções observadas estão as de ordem estatal e os processos de intervenção acadêmica como a participação de universidades em projetos de educação patrimonial e apoio ao desenvolvimento turístico (BRESSÁN & WEISSEL, 2004; MORANI, S/D):

Un proceso significativo y que también nos desvía de las formas originales es la gentrificación de La Boca. El término alude a la recuperación de las áreas residenciales centrales y a su resurgimiento comercial, que generalmente acompaña procesos de aumento de valor de las propiedades, expulsándose así las familias pobres. Esto acarrea la transformación del espacio construido y la aparición de nuevos habitantes, como los turistas, y los nuevos temas de diseño como museos, bares, galerías de arte, negocios de regalos, que no guardan relación con las construcciones originales (MAHIQUES, 2009).

Essa observação de Mahiques (2009) é legitimada por Bressán & Weissel (2004):

El desarrollo de los últimos años ha concentrado la actividad económica en un sector espacial y social del barrio. Esta situación ha excluido del circuito productivo a muchas personas, impactando también en el mantenimiento edilicio y el saneamiento habitacional. Esta falencia se observa en la mayoría de las casillas de madera, conocidas como conventillos, que han sido abandonados, quemados o demolidos (BRESSÁN; WEISSEL, 2004: p.2).

Sobre essa crítica situação, o Professor Luiz Javier Roca, destaca que na década de 1980 ocorre a decadência do local que se torna perigoso e deteriorado. E a partir da década de 1990, ocorrem melhorias diante de um plano de recuperação da economia Argentina. Até que no ano de 2001, com a desvalorização da moeda, ocorre “uma bomba” e a situação fica crítica (LUIZ JAVIER ROCA). Mas foi justamente no período entre meados da década de 1990 e o período atual que os olhos porteños se viram para o incentivo ao turismo com base no patrimônio cultural local.

O processo turístico no bairro torna-se mais intenso no período de incentivo à conservação do patrimônio local e ao urbanismo (RECALDI, SANDOVAL & VELASCO, 2009; HERZER, DI VIRGILIO, LANZETTA, MARTÍN, REDONDO & RODRÍGUEZ, 2008). E, diante da importância cultural do bairro para com a cidade de Buenos Aires, em princípios da década de 1980, segundo citação de pesquisadores, começa um projeto político de recuperação do bairro e preservação do patrimônio cultural. O projeto chamou-se Recup-Boca, onde houve revitalização de alguns “Conventillos”, recuperação de museus e velhos bares e incentivo ao desenvolvimento de um espaço de comércio turístico (RECALDI, SANDOVAL & VELASCO, 2009).

Isto mostra que, diante de uma turistificação deste porte, em menos de 10 anos, ocorreu no bairro um incentivo ao crescimento rápido e desordenado do turismo. Neste caso, corporações adquirem terrenos e operam a subdivisão dos mesmos para iniciar a construção da produção turística. Uma produção que tem tanto os promotores, proprietários, mão de obra construtiva, quanto seus consumidores, na maioria dos casos, externos ao lugar (Resultado de nossas pesquisas e entrevistas). E, no *Boca* está claro, segundo o pensamento de Santana (2006) que empresários de fora, prevendo expansões futuras, realizam projetos individuais, normalmente sem nenhuma planificação global do destino (SANTANA, 2006).

Em entrevista com moradores locais nos foi repassado que nos processos de revitalização do patrimônio boquense, com fins turísticos, há um deslocamento de moradores de seus lugares cotidianos para outros locais, de modo que há uma imposição política de incentivo a uma nova cultura produtiva, com base no patrimônio

local, mas que não levou em conta a participação dos moradores do bairro. Por isso compreendemos que o turismo com foco patrimonial faz uso da identidade e do espaço do Bairro de *La Boca* sem gerar qualidade de vida aos moradores e nem mesmo possibilidades de transformação. E além do mais, introduz novos atores e lógicas de espetacularização e descaracterização de sua memória histórica. Nestes novos rituais impostos, como parte de um compromisso relativo a visitação do *Boca*, chegam ônibus lotados de turistas que “se deliciam” fotografando casas coloridas, comprando o máximo possível de souvenirs “produzidos em laboratório” e pagam para fingirem ser dançarinos de tango, atuando junto aos investidores do setor, num palco de indiferença com relação à pobreza e a marginalidade que circunda o local, onde os moradores são relegados a desviar de suas rotas de passagem tradicionais para não ferir a imagem deste um espaço inventado para usufruto de pessoas de fora.

A percepção dos principais atores

Podemos concluir que, dentre os atores diretos do “teatro turístico” no bairro de *La Boca*, os turistas e os moradores locais, funcionários do turismo, são os principais afetados pelo resultado social da atividade.

Conversando com turistas, observamos que seu campo perceptivo é totalmente construído com base em produção publicitária – que na maioria das vezes centraliza imagens de *La Boca* na maior parte dos meios de promoção turística de Buenos Aires como um todo – e com base em produtos vendidos e serviços prestados no local. Ou seja, o turismo trabalha para criar e satisfazer o olhar de sua demanda (URRY, 2001). Já os moradores entrevistados consideram que mesmo que o setor estimule a sua empregabilidade, ele não gera nenhuma possibilidade de transformação da ordem socioeconômica do bairro como um todo. Além disso, os mesmos consideram-se explorados e mal pagos. E aqueles que não sobrevivem do turismo entendem que o turismo não possui nenhuma afetação direta em seu cotidiano, ou melhor, eles não participam do turismo e o turismo não participa de suas vidas. Os habitantes possuem roteiros e cotidianidade distinta da cotidianidade fabricada pelo turismo (HERZER, RODRÍGUEZ, REDONDO, DI VIRGILIO & OSTUNI, S/D).

Segundo um famoso dançarino de tango e pintor, morador há 30 anos do bairro, cujo diferencial é pintar com os pés enquanto dança, esse turismo – onde jovens pressionam visitantes para comer em cafés locais – é insustentável. O mesmo

reitera que em poucos anos o turismo retira o sentido artístico-cultural local, mistificando e inventando produções que não se relacionam com a história local.

Considerações finais

La Boca del Riachuelo sempre foi um ponto de destino em Buenos Aires. Aliás, isso é uma característica de todas as áreas portuárias: um intenso trânsito multicultural que mescla em cores únicas elementos materiais e imateriais, particulares dessa miscelânea. Chegaram as caravelas, depois os imigrantes, depois os portenhos, e, ainda, boêmios com suas passagens pelas casas de tango e artistas com suas inspirações impressas em pinturas que retratavam o cotidiano portuário. Com o tempo também vieram outros grupos como indígenas do norte, bolivianos, paraguaios, entre outros que se instalaram em “Conventillos” alugados. Esses últimos grupos são compostos, sobretudo, por famílias fugindo da miséria que vêm à Buenos Aires em busca de oportunidades de trabalho e renda. Em um último período, de incentivo ao turismo, com criação de espaços temáticos, praças de alimentação e tendas de souvenirs, chegam ao *Boca* visitantes do mundo inteiro orientados por uma publicidade intensa que usa o patrimônio histórico visual do bairro como piloto de todos os meios possíveis de divulgação turística: folders, vídeos, banners, blogs, sites, entre outros... Sempre estão lá, as casas coloridas do Boca como imagem principal de divulgação de Buenos Aires.

Por outro lado, o cotidiano turístico no bairro manifesta-se como rituais de consumo indiferentes a sua realidade social, onde moradores vivem numa condição de pobreza total, impossibilitados de participar do processo turístico boquense. Enquanto uma multidão caminha pelas mesmas ruas, fotografa as mesmas casas coloridas... Enquanto, dos mais diversos lugares do mundo, chegam milhares de turistas ávidos para realizar a experiência turística de visitação local (o espaço “Caminito” se institui como uma passagem obrigatória), milhares de pessoas do bairro imploram por comida, emprego e renda, solidariedade, educação e saúde.

Por isso, concluímos que se a maioria dos turistas considera o *Boca* um espetáculo turístico-cultural, os moradores do bairro consideram esse espetáculo uma fraude que só traz benefício para os outros.

Referências

BRESSÁN, Antonio Manuel; WEISSEL, Marcelo Norman. **Ecoturismo Urbano: Arqueólogos del Puerto Riachuelo Boca-Buenos Aires**. Portal Iberoamericano de Gestión Cultural. *Nº 9: Turismo Arqueológico*, octubre de 2004. (p.1-7). Retirado do WorldWebSite: <http://www.gestioncultural.org/gc/boletin/pdf/MWeissel.pdf>

BUCICH, Antonio. **Los viajeros descubren la boca del riachuelo**. Cuadernos de Buenos Aires, nº 14, año 1961.

HERZER, Hilda; RODRÍGUEZ, Carla; REDONDO, Adriana; DI VIRGILIO, Mercedes; OSTUNI, Fernando. Nuevos y viejos rituales en La Boca. Universidade de Buenos Aires. Retirado do WorldWebSite: www.uni-konstanz.de/soziologie/.../Abstract%20Herzer.pdf

_____; DI VIRGILIO, Mercedes; LANZETTA, Máximo; MARTÍN, Lucas; REDONDO, Andrea; RODRÍGUEZ, Carla. **El proceso de renovación urbana en La Boca: organizaciones barriales entre nuevos usos y viejos lugares**. *Historia Actual Online - HAOL*, Núm. 16, 2008, 41-62. Retirado do WorldWebSite <http://www.historia-actual.com/HAO/Volumes/Volume1/Issue16/eng/v1i16c5.pdf>

MAHIQUES, Miriam B. Prácticas Barriales y Forma Urbana en La Boca. In: Arqa.com: [http://www.arqa.com/comunidad abierta de arquitectura, construcción y diseño](http://www.arqa.com/comunidad_abierta_de_arquitectura_construccion_y_diseño). Retirado do WorldWebSite C:\Documents and Settings\Mi\Desktop\PROJETOS 2009\Artigo Buenos Aires\arqa_com » Archivo Arqa » Prácticas Barriales y Forma Urbana en La Boca.mht em de Julho de 2009.

MARINCOFF, Gustavo A. **La escuela pictórica de La Boca como modelo de identidad: la identidad visual del entorno urbano**. Presencia pictórica de los objetos industriales. F.B.A., U.N.L.P. Retirado do WorldWebSite: http://www.pisounoarte.com.ar/Marincoff_La_Boca.pdf.

MORANI, Marco. Acción de apoyo al crecimiento del turismo urbano sostenible, como instrumento de desarrollo y de lucha contra la marginalidad y la degradación socio-económica en los barrios del sur de Buenos Aires: La Boca y Barracas. Istituto Cooperazione Economica Internazionale. Regione Lombardia. Cooperazione Italiana, S/D. Retirado do WorldWebSite: http://www.retosalsur.org/IMG/pdf/La_Boca_y_Barracas_Marco_Morani.pdf

RECALDI, Lucia; SANDOVAL, Paula; VELASCO, Eugenia. **Barrio “La Boca”**. Observatur: Observatório Turístico de Argentina, Universidad Nacional de Lanús, 04 / 07 / 2009. Retirado do WorldWebSite: C:\Documents and Settings\Mi\Desktop\Artigo Buenos Aires\Observatorio Turístico - Universidad Nacional de Lanús - Barrio de la Boca I.mht

SANTANA, Agustín. **Antropología y turismo: nuevas bordas, viejas culturas?** Ariel Antropología, Ed. Ariel, S.A. Barcelona, 2006.

SPINI, Sandro; VAGGI, Oreste. **La Boca: notas por medio de imágenes de la inmigración italiana em Buenos Aires**. Archivo Vaggi:, Buenos Aires, 1986.

URRY, John. **O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas**. São Paulo:

Studio Nobel: SESC, 2001.

Projeto apoiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Capes.